

NARRATIVAS DO PODER FEMININO

Maria José Lopes
Ana Paula Pinto
António Melo
Armanda Gonçalves
João Amadeu Silva
Miguel Gonçalves
(ORGS.)



Publicações da Faculdade de Filosofia
Universidade Católica Portuguesa
Braga 2012

VIAJAR NO FEMININO: AS IMAGENS DAS PALAVRAS - PEREGRINAÇÃO DE EGÉRIA À TERRA SANTA, NO SÉCULO IV

Filomena Limão

Instituto de História de Arte (IHA) / Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL)
msglimao@hotmail.com

Abstract

Egéria was a 4th century A.D. nun who undertook a long journey from her homeland, the roman province of *Gallaecia*, to the Near East. Her itinerary, which described the segment between Mount Sinai and Constantinople, revealed the enthusiasm which graced her original decision to embark on the journey, and the determination with which she faced every stage.

She kept a Diary throughout her journey. Probably, it constitutes one of the first known Travel Diaries. Her reports describe her observations and the splendor of the Christian cult sites. Her text is affectionately dedicated to her fellow nuns that remained in the West of the Empire, keeping their uniting bond strong.

Our study aims to search all references to visited sites in Egéria's text, as the information contained therein serves as a precious descriptor of their locations, spatial organization and environment. Egéria visits unique, historical sites, which will influence her writing style. She is, in fact, a pilgrim to a recently created historical site, The Holy Land. Egéria lived during a fundamental historical and artistic Framework, that of the architectural forms of expression of the First Christianity. Her words can be translated into images, as a partitions script, a visualization of lights and ambiances, and a testimonial of places that no longer exist.

We hope to see, in Egéria's written work, the images she observed, for her words are images. We expect a complementary approach among the research methods given by Archeology, composed by Architecture and explained by the sensible text from Egéria's journey - a religious and artistic journey written from a powerful feminine point of view.

Keyword: Architecture, Basilica, Cristianity, Holy Land, Journey, Late Antiquity, *Martyrium ecclesia*

1. Viajar no feminino: as imagens das palavras

Viajar é uma das actividades preferidas nos dias de hoje. Variando desde a saída de entretenimento puro, à viagem de trabalho e negócio, a mobilidade das pessoas é intensa e diária. O mundo tornou-se, pelo menos, numa primeira visão não muito aprofundada, conhecido e dominado. Pode antecipar-se o que se vai visitar pela Internet, planar sobre os locais mais recônditos utilizando *softwares* como o *Google Earth*, comprar manuais dotados de minuciosas informações sobre os interesses culturais, históricos, artísticos, gastronómicos dos locais a visitar, seguir agências de viagens de bons e económicos conselhos e grupos liderados por guias relativamente informados, interessados e interessantes em grau variável. Apesar de toda a conquista actual sobre o nosso mundo, este é, ainda hoje, uma fonte inesgotável de segredos. Com alguma argúcia, não nasceremos nem morreremos

no mesmo local sem nos apercebermos do contexto em volta. Escrever o mundo que visítamos, os Diários de Viagem tão populares, ou desenhar o mundo que percorremos, os Diários Gráficos tão atraentes, tornou-se um hábito que se tenta ensinar ao menos hábil. Em todo o lado se escreve sobre a viagem, os seus prazeres, as suas desilusões aconselhando algumas vezes, a verdadeira viagem, a interior.¹

Com nomes diferentes e intuitos distintos dos nossos actualmente, sempre se viajou ao longo dos tempos e da História. A maior viagem de todos os tempos, uma viagem de regresso e de memória, a *Odisseia*, permanece hoje como sinónimo de um grande empreendimento como uma viagem sentida o é realmente. Foi um homem a percorrê-la, por mar, no meio de riscos imensos e mortíferos. Uma viagem é sempre perigosa, ainda hoje. Ficou dela a narrativa oral passada às gerações vindouras, a redacção por Homero, a pintura intensa nos vasos gregos, a composição no mosaico romano.

No século IV, há uma mulher a percorrer um *Itinerarium* escrito em forma de carta, num diálogo conservado em letra. É a viagem realizada pela monja Egéria desde a província romana da *Gallaecia* até à Terra Santa. A novidade é imensa, quer pelo género feminino da sua autora que deixa marcas indeléveis na escrita, quer pela extensão e lonjura do percurso, ou seja, viajar de um extremo ao outro do Mediterrâneo por motivos religiosos e interiores. Viajar e escrever o percurso com o intuito de passar às suas companheiras monjas os sinais da religião cristã recentemente tolerada em todo o Império Romano pelo imperador Constantino. A própria noção de Terra Santa é uma originalidade. Trata-se de uma viagem introspectiva e histórica. Egéria leva consigo os textos sagrados da Bíblia e comprova-os nos locais que visita. Atesta a veracidade da letra no vestígio, diríamos, arqueológico.

O objectivo do estudo a que nos propomos é acompanhar o escrito de Egéria na sua viagem à Terra Santa à procura dos locais e descrições que ela testemunhou do primeiro cristianismo tolerado. Uma investigação de História da Arte que pretende ver nas palavras de Egéria, as imagens que ela tem à frente dos seus olhos. E das observações que ela tece, compreender a arquitectura e a decoração das primeiras construções especificamente criadas para o culto do Cristianismo e, muito especificamente, para honrar os seus heróis mortos, os mártires, nas perseguições romanas pagãs.

Este trabalho atravessa o texto escrito de Egéria, *Itinerarium Egeriae*, salientando nele um estilo que traduzimos por *viajar no feminino* e que se tornou numa marca indelével da sensibilidade de Egéria. Seguidamente, procurar-se-á compor a arquitectura dos espaços que Egéria testemunhou sobretudo na cidade de Jerusalém e dos quais quase nada resta nos nossos dias. Atender-se-á à viagem interior de Egéria e até que ponto a sua visão e escrita relataram os pormenores visíveis ou se, sendo realmente tão reflexiva a sua viagem, nos deixou, sobretudo, o puro encantamento de ver o que lera e pelo qual tanto tanto ansiara.

1. De referir a novidade, em Portugal, da obra de Alain de Botton, nos seus livros *The Art of Travel* e *A week at the Airport – A Heathrow Diary* (<http://www.alaindebotton.com/travel.asp>) Aconselha, este autor suíço, a que nos perguntemos a nós próprios “onde nos dói” e após este diagnóstico, se escolha o local a visitar.

2. *Itinerarium Egeriae*

2.1. A fonte para a viagem de Egéria

A fonte para este estudo das imagens nas palavras de Egéria é o livro da autoria de Alexandra B. Mariano e Aires A. Nascimento, *Egéria – Viagem do Ocidente à Terra Santa, no século IV (Itinerarium ad Loca Sancta)* a partir da Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa por Alexandra Mariano. A revisão do texto latino e a fixação da tradução portuguesa são da responsabilidade de Aires Nascimento (Mariano; Nascimento 1998: prefácio). O texto do *Itinerarium* de Egéria é o de um único manuscrito anónimo, o *textus ad fidem codicis Aretini* 450, descoberto em 1883, na Biblioteca da Fraternità dei Laici de Arezzo. A atribuição de um título e de uma autoria a este manuscrito não se revelaram tarefas fáceis, culminando as decisões em *Itinerarium Egeriae* (Mariano & Nascimento 1998: 72). A carta de Valério de Bierzo, eremita da *Gallaecia* do século VII, revelou-se fundamental na descoberta do nome da autora do *Itinerarium*, pois refere, por três vezes, o nome da monja peregrina, a Egéria revelada (*Ibid.*: 17).²

2.2. “Porque vejo que tu filha, por motivos religiosos te impuseste o extremo esforço de vir das extremidades da terra a estes lugares [...]”

O *Itinerarium Egeriae*: uma viagem de regresso

A viagem da monja Egéria que se faz acompanhar pelos seus escritos é um percurso incompleto, faltando-lhe o princípio e o seu culminar, o que o transforma num itinerário que começa a meio, já em jeito de regresso, sem se ficar a saber se tudo terminou da melhor forma. A data de início da narrativa é o dia 16 Dezembro de 383 encontrando-se Egéria no Monte Sinai, terminando, entre Maio e Junho de 384, em Constantinopla (Fig. 1). Ao longo da sua escrita, Egéria dá-nos a entender que possuía um percurso pensado, planeado e guiado:

Porque assim era o nosso itinerário, que primeiro subíssemos ao monte de deus [...] (I,2.3) e Quando, pois, se chega a este lugar, tal como a seu tempo nos advertiram aqueles santos guias que iam connosco [...] (I,1.2)

ou, um pouco mais à frente:

E porque o nosso itinerário era assim, avançarmos pelo meio do vale que se estende ao comprimento, isto é o vale, de que falei acima, onde se tinham estabelecido os filhos de Israel, enquanto

2. Os seis manuscritos da carta de Valério de Bierzo que se repartem em duas famílias compilam cinco versões do nome da monja peregrina: EGERIA, EIHERIA, ECHERIA, HETERIA, ETHERIA. A opção pela versão Egéria reunindo o consenso dos estudiosos, deve-se ao facto de ser esse o nome que surge nas duas famílias de manuscritos.



Fig. 1. Percurso geral da viagem de regresso de Egéria entre o Monte Sinai, 16 de Dezembro de 383 e Constantinopla, Maio/Junho de 384 (Mapa de fundo: Google Earth)

Moisés subira ao monte de Deus e descera, assim, pois, à medida que avançávamos ao longo de todo aquele vale, os santos não cessavam de nos ir dando a conhecer aqueles lugares. (I parte, 5.1)

Pela narrativa do *Itinerarium*, sabe-se que a viagem, no seu total, teria tido a duração de três anos, compreendidos entre 381 e 384. É a própria Egéria que vai referindo que já passara por um determinado lugar ou outro dando-nos conta desse percurso de ida, de um conhecimento já adquirido e mesmo de alguma satisfação por esse facto:

Evidentemente, embora eu já conhecesse a terra de Jessen (isto é, por onde fora ao Egipto pela primeira vez) [...]. (I,7.1)

A viagem é longa, morosa e perigosa. Exige um esforço físico considerável apenas superado pelo ânimo inquebrantável de que Egéria se mune ou que nasce naturalmente dentro dela, pela missão da sua viagem:

Ali, pois, (Monte Sinai) ficámos à noite e dali, às primeiras horas de domingo, com este presbítero e os monges, que ali residiam, começamos a subir aos montes, um por um. Estes montes sobem-se com imenso esforço, porque não se sobe a pouco e pouco andando em volta, em caracol como dizemos, mas sobe-se tudo a direito, como por uma parede, e é necessário descer estes montes um por um [...]. (I,3.1)

E ainda:

Assim, pois, por vontade de Cristo, nosso Deus, ajudada pelas preces dos santos que me acompanhavam e com um grande esforço, porque era preciso subir a pé, pois não se podia de todo subir em sela, a verdade é que este esforço não se sentia, por aquela parte; de facto, não se sentia o esforço porque o desejo que eu tinha via-o realizar-se, por vontade de Deus [...]. (I,3.2)

O perigo é atestado por Egéria quando vai de Clisma à cidade da Arábia:

Há, pois de Clisma, isto é, do mar Vermelho até à cidade da Arábia quatro etapas pelo deserto; contudo pelo deserto em cada etapa existem postos de soldados e oficiais que nos escoltavam sempre de um forte a outro forte. (I,7.2)

A segurança regressa quando o seu caminho se faz da Arábia para Jerusalém e reencontra a via pública romana:

Ora, a partir dali nós dispensámos os soldados que nos haviam prestado ajuda em nome da autoridade romana, durante o tempo em que tínhamos andado por regiões pouco seguras; agora, porém, como era a via pública do Egipto que atravessava a cidade de Arábia, isto é, aquela que vai da Tebaida a Pelúcio, a verdade é que já não era necessário incomodar os soldados. (I,9.3)

A distância é um factor de peso no risco e valor da viagem. Egéria dirige-se do Ocidente para o Oriente, cruza a extensão maior entre o fim do mundo e o mundo conhecido. As palavras com que é recebida pelo Bispo de Edessa atestam bem a apreciação por quem, de tão longe, se aventura por fé.

Porque vejo que tu filha, por motivos religiosos te impuseste o extremo esforço de vir das extremidades da terra a estes lugares [...]. (I,19.5)

Egéria vem das “extremidades da terra” e é esta expressão tão significativa que leva os estudiosos a determinarem a origem de Egéria na província romana da *Gallaecia*, uma das cinco províncias da terra de *Hispania* em cuja reorganização se destacou o imperador

Diocleciano, nos finais do século III. O fim do mundo conhecido é o Ocidente peninsular onde o sol mergulha no horizonte do Atlântico e o noroeste, local agreste, afastado de tudo, intimidador da própria memória.³

O escrito da viagem de Egéria comporta duas grandes partes, uma primeira marcada por um percurso registado quase diariamente, entre 383-384, e uma segunda parte dedicada à Liturgia dos lugares santos de Jerusalém. Toda a narrativa é dialogada com as companheiras de Egéria. Sente-se que ela viaja por quem não o pode fazer e, através dos seus olhos e impressões de todo o tipo, também as suas companheiras tomam parte na missão. A linguagem é animada ao longo de toda a sua narrativa estabelecendo um contacto carinhoso, uma ligação que a escrita se encarrega de conseguir porque Egéria desconhece se logrará regressar, por fim. Esse universo feminino e tocante transparece nas suas palavras:

Ora, uma coisa quero que vós saibais, veneráveis senhoras e irmãs [...]. (I,3.8)

Mas acreditai em mim, veneráveis senhoras [...]. (I,12.7)

Foi para mim também um dever escrever-vos isto [...]. (I,45.1)

Deste lugar, senhoras, minha luz, [...]. (I,23.10)

3. “Então eu, como sou muito curiosa [...]”

3.1. *As imagens das palavras. O Itinerarium Egeriae e o contexto construtivo do primeiro Cristianismo.*

O *Itinerarium Egeriae* foi escrito nos finais do século IV, nos anos de 381-384. As palavras de Egéria tornam-se testemunhos da nova arquitectura do Cristianismo numa altura em que o seu culto se torna não só tolerado (Edito de Milão com Constantino em 313) como também oficial no Estado Romano com o Edito de Tessalónica do imperador Teodósio, em 380. Entre 381 e 385 surgem várias leis de Teodósio contra o paganismo. O século IV é um momento fundamental na vivência do Cristianismo, altura em que o seu culto atinge a transparência⁴ necessária para marcar a sua presença indelével ao nível da arquitectura na sociedade romana.

No momento em que Egéria viaja e escreve, o Império Romano está unido sob a liderança do Imperador Teodósio (378-395) e o Cristianismo é a religião que o Estado Romano

3. Como se queixaram as tropas de *Décimo Iunius Brutus*, não arriscando passar o Rio Minho (Fabião 1992: 217).

Uma outra versão daria Egéria como oriunda da Galia pela forma como ela se refere ao rio Eufrates tão caudaloso que lhe faria lembrar o Ródano (II,18.2).

4. André Grabar é o autor que se debruça sobre as questões do paleocristianismo definido neste duas fases de desenvolvimento: a fase de opacidade e a de transparência. Esta última define-se a partir do século IV com os Editos de Milão e Tessalónica. O Cristianismo torna-se evidente na sociedade romana (1966: 3-8).

toma como oficial. O equilíbrio de forças com o paganismo conhece uma mudança profunda. Com o imperador Constantino teve início uma acção construtiva de locais de cultos cristãos. Tornava-se necessário fazê-lo pois, o Cristianismo, na sociedade romana dos três primeiros séculos após a morte de Cristo, fora mais um entre os muitos credos que povoavam o Império Romano. Nesse momento, século IV, o Cristianismo via alterado, por completo, o seu estatuto. A vivência cristã na sociedade romana durante trezentos anos se salienta a última perseguição levada a cabo pelo Imperador Diocleciano, muito pouco tempo antes da decisão de Constantino em tornar o Cristianismo religião tolerada na sociedade romana. A viagem de Egéria ocorre em condições propícias para uma peregrinação cristã, numa circunstância fundamental para o Cristianismo em que se pode constatar a acção construtiva do Imperador Constantino na sua cidade nova, Constantinopla, em Roma e na Palestina, a Terra Santa. O conceito de Terra Santa é uma noção nova que nasce com o imperador Constantino e sua mãe, Helena. É uma concepção histórica que elege os locais onde se dera a anunciação do nascimento de Cristo, o seu nascimento e morte como locais de construção de grandes basílicas e onde se torna necessário ir em peregrinação para conhecer, testemunhar e orar. De certa forma, Egéria torna-se na percursora da ideia de peregrinação, testemunha ocular do cariz histórico que o Cristianismo reclama para si desde o início e que contrapõe com veemência aos cultos pagãos.⁵ Por essa razão, Egéria viaja com a Bíblia na mão percorrendo os mesmos trilhos, comprovando a veracidade dos escritos, numa tarefa histórico-arqueológica muito inovadora:

Assim, pois, foram visitados todos os lugares santos, que desejámos e também todos os lugares que os filhos de Israel tinham percorrido [...]. (I,5.11)

[...] guiar-me por todos os lugares, que eu procurava ver sempre seguindo as Sagradas Escrituras [...]. (I,5.12)

3.2. Os locais religiosos, desde o Monte Sinai a Constantinopla

Egéria, no seu péríplo desde o Monte Sinai até Constantinopla, refere os sítios religiosos que vai visitando. Segue-se uma compilação desses locais e das pessoas com quem Egéria contacta:

Mosteiros (*monasteria*); Igreja (*ecclesia*); Presbítero (*presbytero*); Asceta (*ascitis*); Clérigos (*clerici*); Bispo (*episcopus*); Púlpito (*pulpitus*); Lóculo (*locus*); *Memoriae* (*ex memoriam sancti Iob*); Grades (*cancellis*); *Martyrium* (exemplo: S. Tomé-Edessa); Igreja e *martyrium* de S. Tomé (*ad ecclesiam et ad martyrium sancti Thomae*).

5. Com refere Henri Irenée Marrou, o Cristianismo aposta na sua forte vertente histórica como narrativa do que tinha que acontecer e que, de certa forma, fora já predito pelo Antigo Testamento (Marrou 1979: 66-73).

Esta lista dá uma clara ideia do desenvolvimento da hierarquia religiosa do Cristianismo no final do século IV, pois há a referência a presbíteros e a bispos. Por outro lado, atesta-se o crescimento do movimento monacal e eremita no Próximo Oriente. Em termos da arquitectura do primeiro Cristianismo, pode verificar-se a referência a mosteiros, *memoriae*, martírio e igrejas. As principais e primeiras construções do Cristianismo estão aqui presentes: os mosteiros ligados ao monaquismo; os *memoriae* e *martyria* que são edifícios de carácter funerário destinados a perpetuar a memória dos entes falecidos e, em especial dos mártires que deram a sua vida em testemunho da religião.⁶ Interessante é a referência de Egéria ao interior dos espaços onde se pode encontrar um púlpito, ou um lóculo indicando um lugar específico do altar ou de um sítio para relíquias, eventualmente. A palavra *cancellis* é determinante na percepção dos espaços interiores religiosos do primeiro Cristianismo. Trata-se de grades cuja função será a de separar o espaço mais sagrado no interior dos *memoriae* e *martyria* possibilitando o seu acesso apenas a um grupo restrito do clero, numa hierarquização social e religiosa que os séculos posteriores ao IV, vão acentuar. Finalmente, a palavra *ecclesia*⁷ é muito significativa, pois é ela a escolhida, no seu sentido de reunião de fieis, para designar o local do culto dos cristãos associada ao espaço funerário do *martyrium* e, por isso, a designação conjunta, igreja e martírio.

3.3. A Basílica da Anástase (Ressurreição), no Gólgota, em Jerusalém

A segunda parte do *Itinerarium Egeriae* é dedicada à elucidação da Liturgia nos lugares santos de Jerusalém. A descrição de Egéria é atenta pois, como refere, é fundamental dar dela testemunho às monjas suas companheiras:

Ora, para que Vossa Caridade saiba que ofícios têm lugar cada dia nos lugares santos, julguei dever dar-vos disso conhecimento, sabendo que teríeis gosto em conhecê-los. (II,24.1)

A atenção de Egéria recai nos ofícios e cerimónias dos locais tornados sagrados pela presença de Cristo como a Igreja que está no monte Eléona onde tradicionalmente Cristo se teria dirigido aos seus discípulos após a Última Ceia (Mariano & Nascimento 1998: 215, n. 196) ou a Igreja de Imbomon, lugar onde Cristo teria ascendido aos céus. Mas as indicações mais insistentes e pormenorizadas em relação aos ofícios litúrgicos recaem num espaço de eleição mandado construir por Constantino, a Basílica da Anástase ou Ressurreição que se localiza no Gólgota.⁸ Esta basílica teria sido mandada construir no momento em que a

6. Martírio significa testemunho.

7. No concílio ibérico de *Iliberis* (Elvira), sensivelmente no ano 300, o Cânon 52 menciona já a Igreja (*ecclesia*) como edifício (Maciel 1999: 64).

8. O sentido da palavra Gólgota "E, carregando às costas a cruz, saiu para o lugar chamado Crânio que em hebraico se diz Gólgota onde O crucificaram [...]" (Jo 19,17). Foi perto deste local que sepultaram Jesus:

atenção do imperador se volta para um túmulo escavado na rocha no centro de Jerusalém e que foi entendido como sendo o local onde Cristo teria sido enterrado, o Santo Sepulcro. Consequentemente, o bispo de Jerusalém, Macário, teria sido encarregue de construir uma imponente basílica para protecção e veneração do local onde Cristo fora enterrado (García y Bellido 2004: 699). As informações sobre esta encomenda foram disponibilizadas por Eusébio de Cesareia nos seus escritos sobre a vida de Constantino. A edificação da Basílica da Anástase integra um amplo esforço construtivo do Imperador Constantino e sua mãe, destacando-se no conjunto, por exemplo, a Basílica da Natividade em Belém que se manteve quase intacta contrariamente ao que aconteceu com a Basílica do Santo Sepulcro.

Neste contexto, as referências de Egéria à Basílica da Anástase são marcantes pois trata-se de uma testemunha ocular de um determinado espaço, num momento não muito afastado da sua erecção. A história da arquitectura do Cristianismo tem tentado compreender como seria o espaço da Basílica da Anástase, no Golgota, mas muitas dúvidas subsistem em relação ao tipo de construção que seria. Egéria refere-se, com detalhe, aos ofícios que decorriam em três espaços constituintes deste amplo local sagrado: (1) A gruta da Anástase; (2) A Igreja maior que é o *martyrium*; (3) A Cruz. Com efeito, Egéria testemunha uma animada movimentação entre estes três locais como se a devoção escolhesse o melhor local onde decorrer consoante o seu objectivo. É uma animada circulação de prelados e leigos que leva Krautheimer a falar de um “curioso peripatético serviço religioso do século IV” (Krautheimer 1965: 41). Neste ponto, centra-se o grande objectivo da nossa análise de História da Arte, ou seja, procurar nas palavras de Egéria as imagens da Basílica da Anástase, tentando perceber o cariz da arquitectura do primeiro Cristianismo bem como a lógica do espaço da Basílica da Anástase, cruzando as palavras de Egéria com as propostas de planta de autores consagrados como Antonio García y Bellido e Richard Krautheimer.

Egéria não está directamente interessada na descrição dos espaços arquitectónicos; o seu olhar dirige-se fundamentalmente para a liturgia, a partir da qual nos informa sobre ambientes, luzes, cheiros, compartimentos, definição de espaços/funções do clero e dos leigos. Vejamos alguns exemplos que nos vão dando vocabulário, espaços e funções.

Egéria começa por descrever a Liturgia quotidiana no espaço da Basílica da Anástase (Ressurreição) no Gólgota:

De facto, todos os dias, antes do cantar dos galos, são abertas todas as portas da Anástase e todos descem, monges (*monazonte*) e virgens (*et parthenae*) como dizem aqui, e não somente estes, mas também, além deles, os (leigos (*laici*) homens e mulheres, aqueles que pelo menos querem fazer a vigília matinal. (II,24.1)

“No lugar em que Ele tinha sido crucificado, havia um horto e, no horto, um túmulo novo no qual ninguém fora ainda depositado. Por causa da Preparação dos Judeus com o túmulo estava perto, foi ali que puseram Jesus.” (Jo 19,41 e 42. A Basílica não estaria terminada em 336 mas já estaria em uso em 350 (Krautheimer 2009: 86).

E começando a clarear o dia ... :

E eis que chega o bispo (*episcopus*) com o clero (*cum clero*) e imediatamente entra para dentro da gruta (*spelunca*) e detrás das grades (*intro cancellos*) diz primeiro uma oração por todos. (II,24.2)

Egéria refere-se seguidamente ao Lucernário, uma celebração com alguma solenidade que se inicia duas horas antes do pôr-do-sol, no momento em que se acendem as lâmpadas:

[...] toda a multidão se reúne igualmente na Anástase onde são acendidas todas as velas e círios e se faz uma luz imensa. A verdade é que a luz não é trazida de fora, mas vai-se buscar ao interior da gruta, onde noite e dia fica sempre uma lâmpada; e ela fica detrás das grades (*intro cancellos*). (II,24.4)

E há um trajecto litúrgico que nos leva a compreender um caminho entre espaços:

E depois o Bispo é conduzido da Anástase até à Cruz com hinos; em conjunto também todo o povo o acompanha [...] enormes lanternas de vidro estão suspensas por todo o lado em grande número e há um grande número de tochas quer diante da Anástase, quer também diante da Cruz e bem assim atrás da Cruz. Todos estes ofícios terminam, pois, com o escurecer. Estes ofícios têm lugar quotidianamente durante os seis dias da semana na Cruz e na Anástase. (II,24.7)

A liturgia do Domingo:

Ora, o sétimo dia, isto é, domingo, antes do canto dos galos reúne-se toda a multidão, tanta quanta se pode juntar neste lugar, como se fosse durante a Páscoa, na basílica (*basilica*) que está logo junto da Anástase, mas no lado de fora, onde as luzes estão suspensas por este motivo. (II,24.8)

A vigília:

Porém, logo que o primeiro galo cantou imediatamente o bispo desce e entra na gruta, na Anástase. Abrem-se todas as portas e toda a multidão entra na Anástase, onde brilham já inúmeras luzes [...]. (II,24.9)

[...] eis que são introduzidos também incensórios no interior da gruta da Anástase, de forma que toda a Basílica da Anástase se enche de perfumes. E então, o bispo de pé ali atrás das grades, pega no Evangelho, vem para a entrada e lê ele mesmo o texto da ressurreição do Senhor. (II,24.10)

A festa da Epifania torna-se um momento em que a ornamentação atinge uma beleza e riqueza que deslumbram Egéria:

[...] todos se reúnem na igreja maior, que está no Gólgota (*ecclesia maiore quae est in Golgotha*). Ora, o que era a decoração (*ornatus*) da igreja nesse dia, seja na Anástase, ou na Cruz ou em

Belém, teria sido acima das minhas forças descrevê-lo. Não se vê outra coisa senão ouro, pedras preciosas e seda; de facto, se até vêem tapeçarias, são em seda cravejada de ouro; se se vêem cortinas, são igualmente em seda cravejada de ouro. Quanto aos objectos de culto, Quanto ao número e peso dos círios, dos candelabros, das lâmpadas, dos diversos objetos de culto, porventura seria possível avaliá-los e descrevê-los? (II,25.8)

A decoração dos edifícios é exaltada por Egéria identificando claramente o autor da sua construção, o Imperador Constantino:

E na verdade, que direi da decoração daqueles edifícios (*ornatu fabricae*) que Constantino, sob os olhares de sua mãe, empregando todos os recursos do seu império, decorou de ouro, de mosaico e de mármore preciosos, (*auro, musiuo et marmore pretioso*) tanto a igreja maior (*ecclesiam maiorem*) como a Anástase, (*Anastasim*) a Cruz (*Crucem*) e os outros lugares santos de Jerusalém? (II,25.9)

As festas pascais:

Depois, de manhã, como também sempre ao Domingo, vai-se à igreja maior (*ecclesia maiore quae appellatur Martyrio quae est in Gulgota post Crucem*) designada por *martyrium* que está no Gólgota atrás da cruz e faz-se o que é costume ser feito aos domingos. (II,27.3)

A Semana Santa:

[...] no domingo, pois de manhã, vai-se como de costume à igreja maior (*ecclesia maiore*) que é designada *Martyrium* (*martyrium*). A razão porque é designada *martyrium* é porque está no Gólgota, isto é atrás da Cruz (*Gulgota est, id est post Crucem*) onde o Senhor sofreu, e por isso tem o nome *Martyrium* (*Martyrio*). (II,30.1)

Sexta-feira Santa:

E assim coloca-se uma cadeira (*cathedra*) para o bispo (*episcopus*) no Gólgota, atrás da Cruz que ali se encontra; o bispo senta-se na cadeira: põe-se diante dele uma mesa (*mensa*) com um pano de linho; à volta da mesa ficam os diáconos (*diacones*) e traz-se um cofre de prata dourada, em que está o santo lenho da cruz; abre-se, expõe-se e coloca-se sobre a mesa o lenho da cruz bem como a inscrição (*titulus*).⁹ (II,37.1)

9. A inscrição conforme se apresenta em Mateus 27,37: “Por cima da sua cabeça puseram um escrito indicando a causa da sua condenação: “Este é Jesus, o rei dos Judeus”.

4. “[...] seria possível avaliá-los e descrevê-los?”

Considerações

4.1. O complexo da Basílica da Anástase (Ressurreição) no Gólgota – As imagens das palavras

As palavras de Egéria, na segunda parte do seu texto dedicada à Liturgia de Jerusalém, dão-nos as informações necessárias para poder visualizar o ritual litúrgico desenrolado em espaços autónomos mas juntos e interdependentes construídos pelo Imperador Constantino num autêntico complexo religioso, a Basílica da Anástase, no Gólgota. Esses espaços são três claramente indicados por Egéria:

4.1.1. A igreja maior

A igreja maior é o Martírio (*Martyrium*) que fica no Gólgota atrás da Cruz (II,27.3) Egéria é ainda mais explícita:

A razão porque é designada por *Martyrium* é porque está no Gólgota, isto é atrás da Cruz, onde o Senhor sofreu, e por isso tem o nome *Martyrium*. (II,30.1)

Egéria aplica o vocábulo *basílica* em duas circunstâncias distintas:

- a) A *basílica* que está logo junto da Anástase mas no lado de fora (II,24.8)
- b) Basílica da Anástase que se ilumina quando são colocados os incensórios no interior da gruta da Anástase (II,24.10).

4.1.2. A Anástase

Egéria refere-se à Gruta da Anástase (Ressurreição) por onde se entra e se desce estando rodeada de cancelas, detrás das quais, o Bispo faz as orações.

4.1.3. A Cruz

Egéria indica a Cruz onde se deu a paixão de Cristo. Esta fica à frente da igreja maior que é o martírio e envolve-se num trajecto percorrido pelo Bispo que vai da Anástase até à Cruz, ficando diante e detrás da Cruz.

Estes três espaços correspondem à Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo. A Paixão de Cristo no Gólgota (Cruz), o enterramento e ressurreição de Cristo no Santo Sepulcro ou seja, a gruta da Anástase (A Anástase) e a igreja maior erguida por trás da Cruz, a igreja designada martírio porque está perto do local onde Cristo é mártir, onde sofreu o seu testemunho de fé e morreu pelos homens. Trata-se, pois de um verdadeiro complexo religioso.

A que correspondem estes três espaços em termos de planta arquitectónica? Qual a correspondência mais acertada entre os vocábulos Igreja, Basílica, Martírio, Cruz e a sua arquitectura? Qual a clareza destas designações nos finais do século IV?

Com já referimos, da Basílica da Anástase, no Gólgota, pouco vestígios arqueológicos restaram, ao contrário da Basílica da Natividade em Belém cuja disposição e orgânica arquitectónicas podem servir de orientação para o que seria a Basílica da Anástase (Fig. 7). O testemunho de Eusébio de Cesareia na sua *Vita Constantini* é uma das fontes principais para a compreensão destes espaços tal como o texto de Egéria. Vejamos a planta proposta por García y Bellido (Fig. 2)¹⁰ na qual tentamos identificar os três espaços a que se refere Egéria. Distinta desta é a planta, produzida um pouco posteriormente por Richard Krautheimer na versão inglesa da sua obra (Fig. 3). Também nesta se tentou identificar os espaços de Egéria. A proximidade entre as plantas dos dois autores encontra-se na orientação relativa dos três espaços definidos por Egéria. A Anástase, situada a Ocidente, apresenta a abertura voltada para o Oriente. A construção tipicamente basilical com cinco naves, encontra-se a Oriente com uma abside semicircular no topo da nave central. A sensivelmente meio caminho entre a Anástase e a planta basilical, a sudeste da primeira, a Pedra do Calvário designada por Egéria como a Cruz.¹¹ Em 2009, na tradução espanhola da obra de Krautheimer, já não aparece a planta reproduzida na Fig. 3 mas uma outra, bem diferente (Fig. 4) que ilustra os vestígios do século IV e as alterações posteriores dos séculos XI e XII. Verifica-se que Krautheimer caminha para uma reconstituição bastante mais ampla da Anástase, uma verdadeira rotunda como já aparecia em García y Bellido. A Fig. 5 é uma gravura que ilustra a Rotunda da Anástase como se observaria ainda no início do século XVII e que se vê adequar-se à planta da Fig. 4. A Fig. 6 mostra como Krautheimer considera ser, tanto em 1965 como já em 2009, a fachada da Basílica com as cinco naves, uma central mais larga que as laterais, duas em cada lado. A Basílica teria dois pisos e uma cobertura plana.

Finalmente, poderemos encontrar um consenso entre as palavras de Egéria e as estruturas propostas para a arquitectura deste primeiro Cristianismo. A Anástase é um edifício de planta circular, centrada, com cripta, uma rotunda, na verdadeira acepção da palavra. O seu carácter é funerário e por apelar à contemplação do defunto, em torno do qual todas as atenções se debruçam, adequa-se à planta centrada e circular. É uma gruta, como des-

10. A primeira edição do livro de García y Bellido, *Arte Romano*, data de 1955. Em 1971 (um ano antes da morte do autor), García y Bellido escrevia um prelúdio a essa edição anunciando-a como completamente nova em relação à edição de 1955. Em 1990, Antonio Blanco Freijeiro escreve um prólogo à 4ª edição da obra. Em 2004 publicou-se uma 5.ª reimpressão do livro de onde retiramos a planta da Basílica da Anástase no Gólgota. O livro de Richard Krautheimer, *Early Christian and Bizantine Architecture*, é de 1965. Mais recentemente, uma tradução espanhola *Arquitectura Paleocristiana y Bizantina*, com uma 1.ª edição de 1984 e uma 8.ª edição de 2009. Da planta da Basílica em estudo foi publicada no texto inglês, uma primeira versão que aqui utilizamos. A tradução em espanhol apresenta uma outra planta com os vestígios do século IV e construções posteriores que também utilizamos.

11. Esta descrição baseia-se nas palavras de Eusébio (Krautheimer 1965: 39-42).

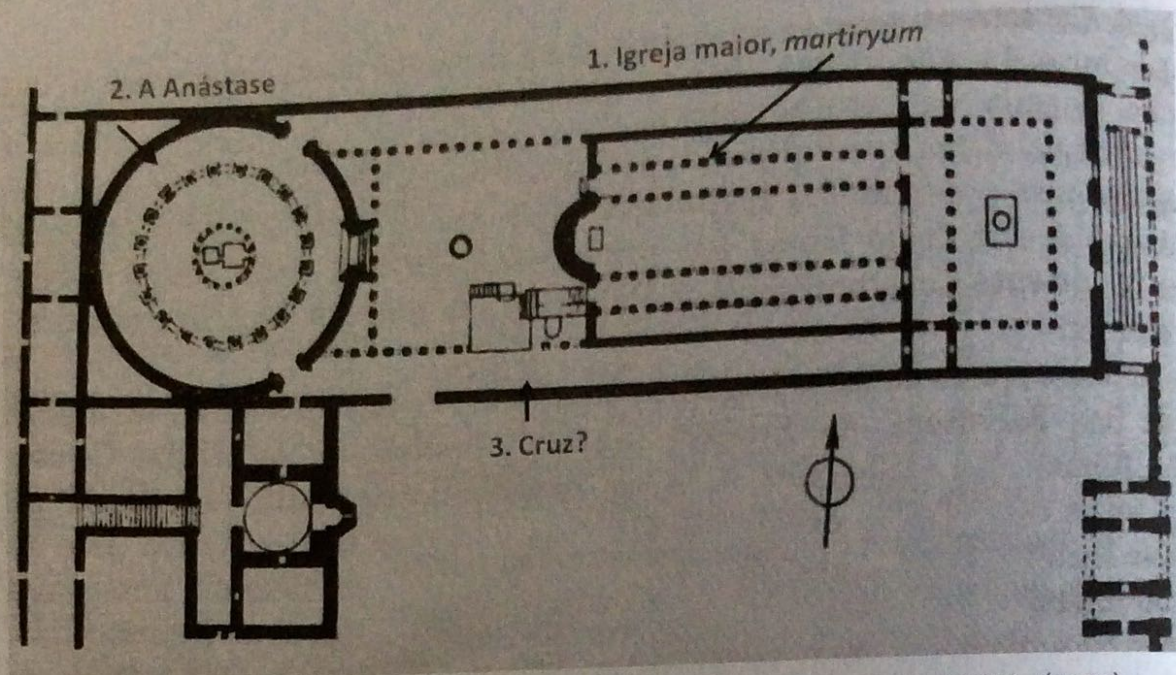
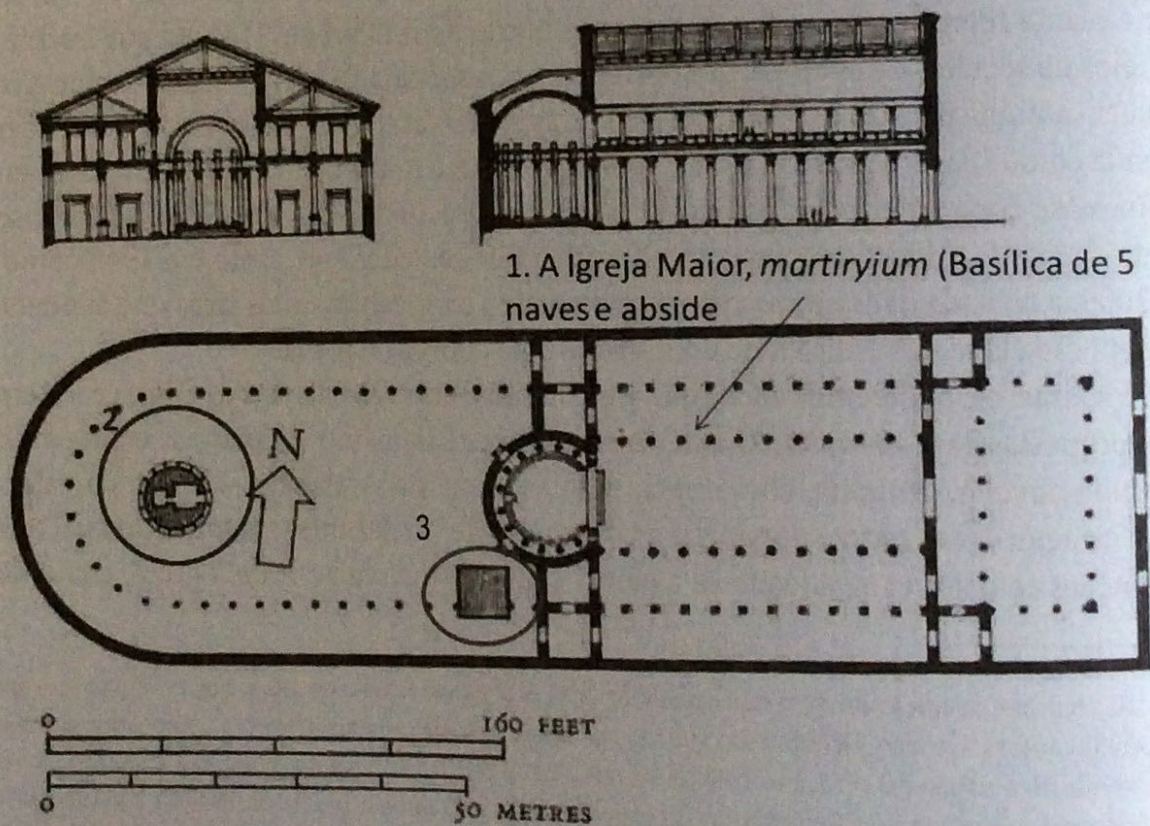


Fig. 2. Planta das Igrejas do Santo Sepulcro e da Ressurreição, segundo García y Bellido (1955)



1. A igreja maior, *martyrium*
2. O Santo Sepulcro, A Anástase (Ressurreição)
3. A Cruz no Gólgota

(I . 1250)

Fig. 3. Planta da Basílica da Anástase no Gólgota segundo Richard Krautheimer (1965)

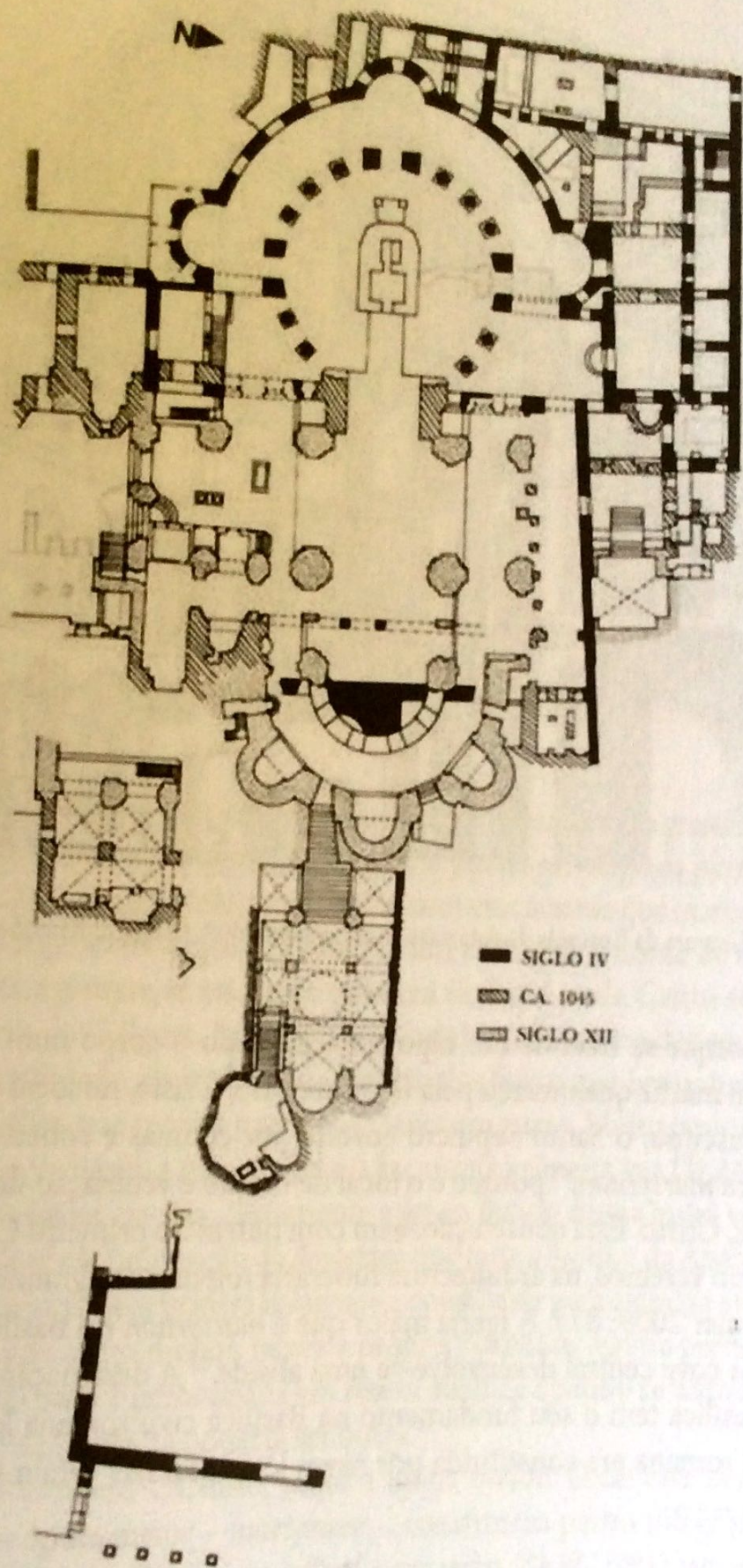


Fig. 4. Planta da Basílica e Rotunda da Anástase no Gólgota, segundo Richard Krautheimer (2009)

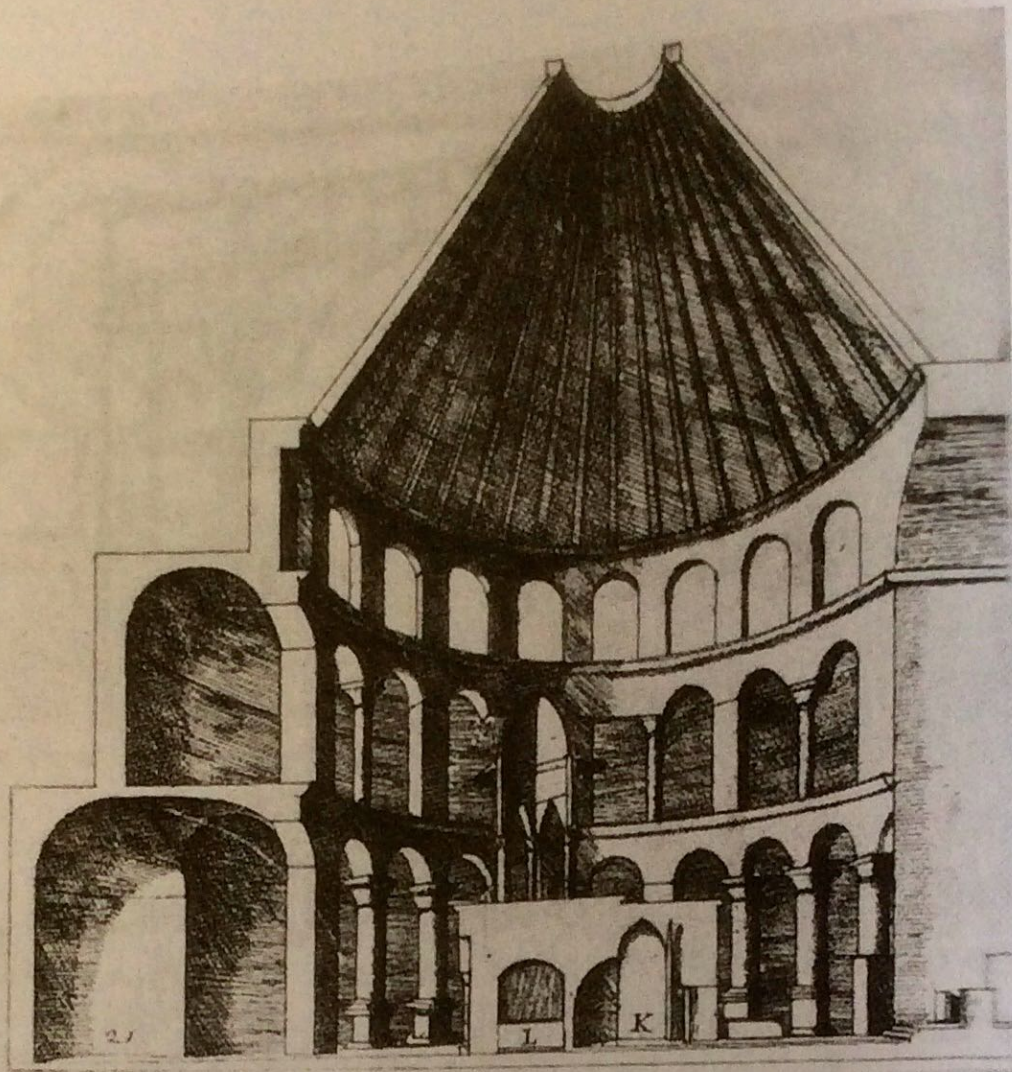


Fig. 5. Gravura da Rotunda da Anástase como era em 1609. (Richard Krautheimer 2009)

creve Egéria, porque se trata de um hipogeu acolhendo o corpo num nível subterrâneo. O defunto é um mártir que morreu pela fé. Neste caso, Cristo, no local onde foi sepultado e de onde ressuscitou, o Santo Sepulcro envolto por colunas e coberto por uma cúpula. A Anástase é um *martyrium*,¹² porque é o local de oração e veneração do mártir, neste caso e, mais uma vez, Cristo. Esta construção, bem com outras do primeiro Cristianismo, tem as suas raízes, como veremos, na arquitetura funerária romana dos grandes mausoléus imperiais (Krautheimer 2009: 87). A Igreja maior que é *martyrium* é a Basílica com a planta de cinco naves. Na nave central desenvolve-se uma abside.¹³ A designação de planta de cinco naves como Basílica tem o seu fundamento na Basílica civil romana localizada no *forum*. A basílica civil romana era constituída por naves longitudinais geralmente em número de

12. Krautheimer (1965: 39-42) refere que a basílica era chamada *martyrium* pelos contemporâneos. Estes *martyria* fundem um corpo de planta central circular com um corpo basilical; (*basileus*, rei em grego).

13. Para Krautheimer: o hemisfério ligado à Basílica pode ter emergido com o 3º testemunho da Paixão de Cristo: a verdadeira cruz (Krautheimer 1965: 41)

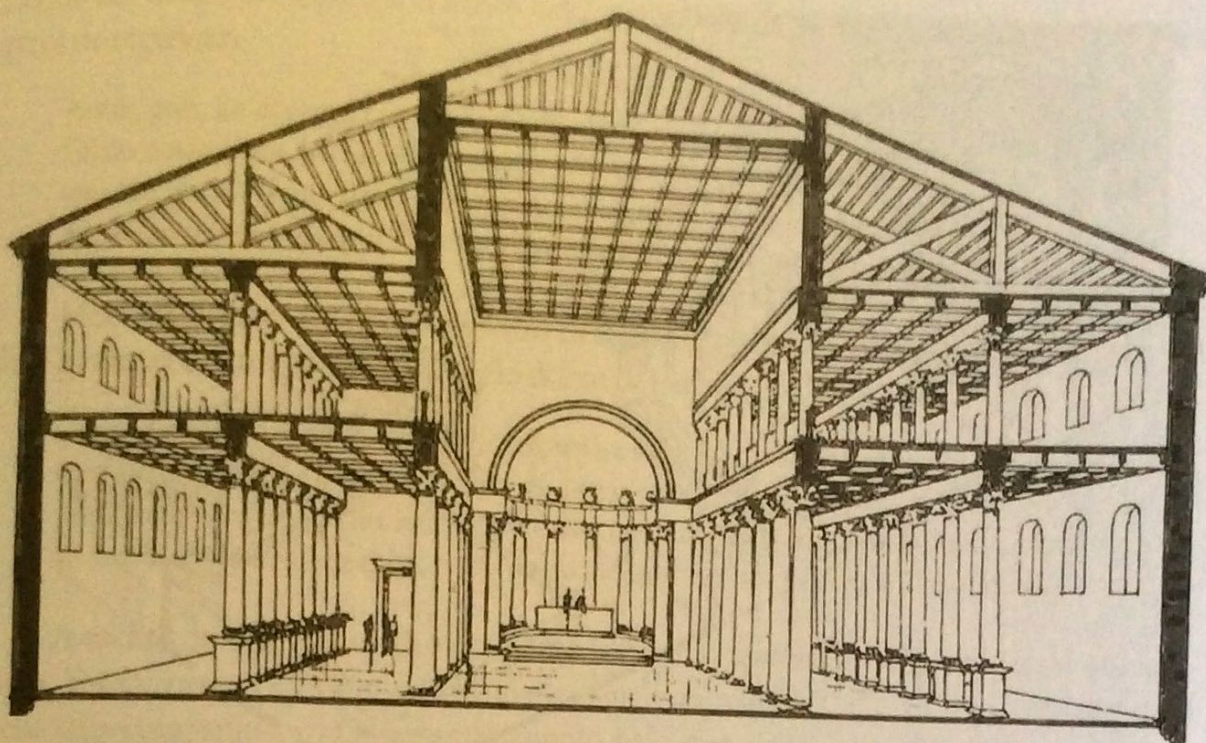


Fig. 6. Reconstrução isométrica da Basílica do Gólgota, segundo Krautheimer (1965 e 2009)

três com a central mais larga. Adaptava-se naturalmente a receber um grande número de pessoas. Por essa razão também, a sua adaptação como planta privilegiada para a igreja cristã se fez logicamente. Constantino preferiu as plantas com cinco naves que marcam uma fase bastante opulenta da arquitectura cristã. A esta basílica atribui-se o nome de *martyrium* como bem explicita Egéria porque se encontra próxima do local onde Cristo sofreu o seu Calvário, ou seja a Cruz do Gólgota. Egéria prefere indubitavelmente a designação de *ecclesia* a este local pois, na realidade, ele é o local de reunião dos fieis o que é mais importante do que a nomeação de basílica que remete para a sua planta em naves. Muito poucas vezes se refere Egéria à designação de basílica mas quando o faz, numa primeira vez (II,24.8), menciona a basílica perto da Anástase ou seja, certamente a igreja maior; numa outra vez, menos claramente (II,24.10), alude à iluminação da Anástase que faria a *basílica* da Anástase iluminar-se por completo. Este pormenor poderá levar-nos a considerar para além da existência de uma igreja maior, a de uma igreja menor, talvez a própria Anástase. Egéria prefere, sobretudo, a palavra *ecclesia* e não parece preocupada em referir basílica quando se trata especificamente de uma planta basilical, a planta poderia ser outra.¹⁴

Finalmente, a Cruz do Calvário, junto à igreja maior. Todo este conjunto, rotunda da Anástase, Cruz e igreja maior – *martyrium* – constituem partes integrantes do ciclo de

14. Talvez por isso, García y Bellido considere na sua planta reproduzida na Fig. 2, não igreja mas igrejas do Santo Sepulcro e da Ressureição.

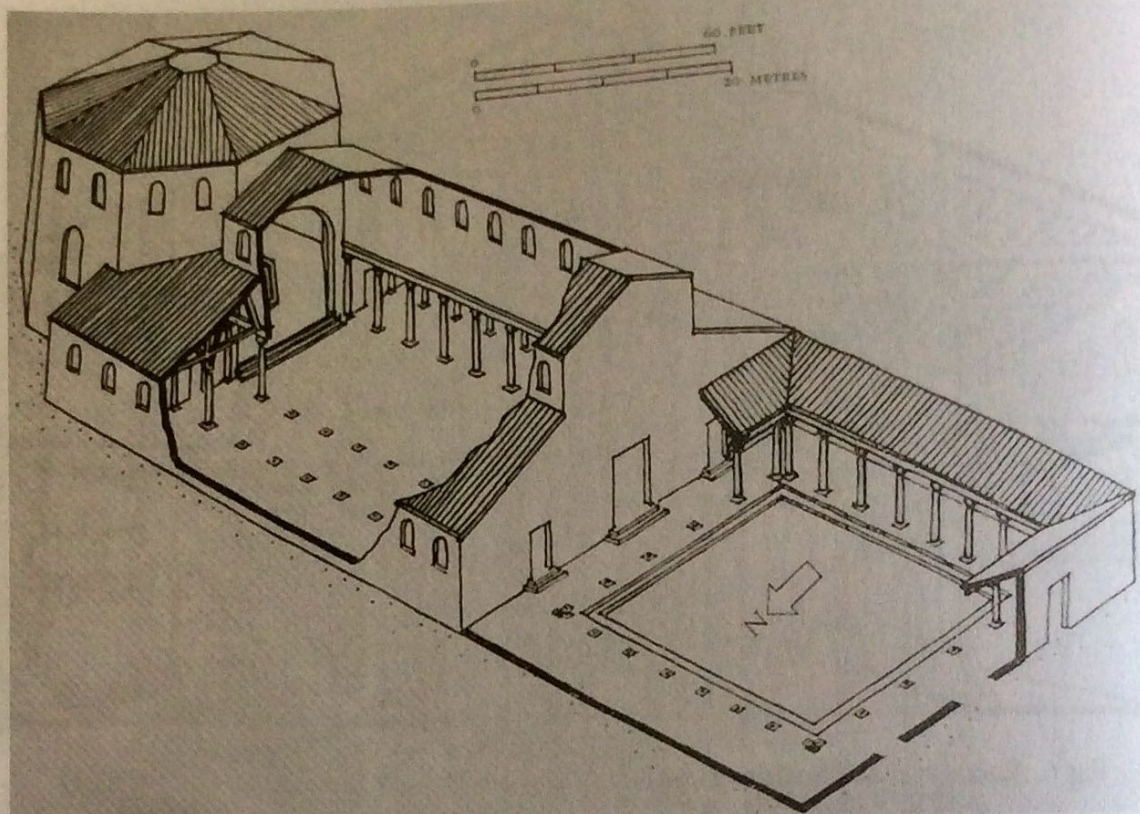


Fig. 7. Planta da Basílica da Natividade em Belém, segundo Krautheimer (1965 e 2009)

morte e ressurreição de Cristo, um autêntico complexo da Basílica da Anástase, no Gólgota. Por essa razão, se teria construído (como se vê nas Figs. 2 a 7) um pórtico englobando todos estes espaços numa unidade orgânica onde se desenrola o circuito litúrgico.

4.2. A arquitectura do Cristianismo no século IV, Próximo Oriente

Egéria, em todos os locais por onde passa (Fig. 1), ao longo do seu *Itinerarium*, identifica três espaços que caracterizam e sintetizam a vivência e arquitectura do Cristianismo nesta etapa do seu estatuto em transparência: *Ecclesiae*, local de reunião dos fiéis; *Martyria* (ou *Memoria*), lugar funerário de devoção ao defunto mártir e *Monasteria*, o movimento monacal. Estes espaços correspondem às necessidades básicas do Cristianismo, a reunião dos fiéis, o culto dos mortos, o aprofundamento da espiritualidade e não funcionam isolados uns dos outros. A associação *ecclesia- martyrium* é predominante.

4.3. O deslumbramento para além das palavras

Não se sabe se Egéria regressou à sua terra Natal seja ela a *Gallaecia* ou a Gália. O seu *Itinerarium* termina em Constantinopla. Sabemos, no entanto, da sua demonstração de

alegria tão característica num viajante nato: a vontade de partir, o gosto de percorrer e a graça de regressar:

Assim, pois, no dia seguinte atravessando o mar cheguei a Constantinopla, dando graças a Cristo nosso Deus, porque se dignou, a mim que sou indigna e não mereço, conceder-me uma tão grande graça, isto é, não somente a vontade de partir, mas também a possibilidade de percorrer todos os lugares que desejava e de regressar de novo a Constantinopla, (II,23.8)

Mais importante do que o regresso definitivo, que se desconhece, é a memória que deve perdurar e essa está garantida pelo diário da viagem de Egéria:

Ora, se depois disto estiver ainda no meu corpo, e se puder conhecer outros lugares contá-lo-ei em presença a Vossa Caridade, se Deus se dignar conceder-mo; ou, pelo menos, se um outro projecto me vier ao espírito, informar-vos-ei por escrito. Vós, senhoras minha luz, dignai-vos ao menos lembrar-vos de mim, esteja eu no meu corpo ou já fora do meu corpo, (II,23.10)

A escrita de Egéria é verdadeiramente feminina, sensível ao impacto visual dos sentidos. Deixa transparecer uma curiosidade inata e espontânea, um afecto quase maternal pelas suas companheiras. O deslumbramento pelo que visita, domina-a e ultrapassa a sua humilde capacidade de escrita. Egéria regista esse encanto divino e esta limitação humana, uma conjugação fortemente cristã:

Ora, o que o que era a decoração da igreja neste dia, seja na Anástase, ou na Cruz, ou em Belém, teria sido acima das minhas forças descrevê-lo. (II,25.8)

Ficha Técnica

Título: **Narrativas do Poder Feminino**

Organizadores: Maria José Ferreira Lopes . Ana Paula Pinto . António Melo
Armanda Gonçalves . João Amadeu Silva . Miguel Gonçalves

Edição: ALETHEIA – Associação Científica e Cultural
Distribuição
e Venda Faculdade de Filosofia
Universidade Católica Portuguesa
Praça da Faculdade de Filosofia, 1
4710-297 BRAGA
Tel. 253 208 080 / Fax 253 213 940
www.publicacoesfacfil.pt

Tiragem: 250 exemplares

Dezembro 2012

© *Todos os direitos reservados*

Design da capa: Whatdesign, Lda. - Braga

Execução gráfica: Graficamares, Lda.
R. Parque Industrial Monte Rabadas, 10
4720-608 Prozelo - Amares

Depósito Legal: 352547/12

ISBN: 978-972-697-205-1



O conteúdo dos artigos, bem como a norma ortográfica usada, é da responsabilidade dos autores.